

CRIMES AO NORTE: OS ÉGUAS E A TRADIÇÃO DO ROMANCE POLICIAL

Suellen Monteiro Batista¹
Valéria Augusti²

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o romance *Os éguas*, do escritor paraense Edyr Augusto (1998). Parte-se da hipótese segundo a qual o autor não apenas dialoga com a tradição do romance policial em sua diversidade, como também, ao ambientar a narrativa na Amazônia, subverte certa representação/concepção da região amazônica, que a toma como espaço “só natureza”. Tendo isto em vista, recupera a discussão sobre o gênero em sua matriz européia forjada no século XIX e seus desdobramentos com o *triller* ou *hard boiled* americano no século XX para, em seguida, analisar o romance se atendo aos três pilares que constituem a narrativa policial: o detetive, o criminoso e os crimes. A análise demonstra que o romance, ambientado na cidade de Belém e em Salinas, mantém o foco no processo investigativo e no desvendamento do enigma, trazendo para o centro da cena uma diversidade de crimes e criminosos, de forma a representar certas dinâmicas sociais até então pouco exploradas nos exemplares de prosa de ficção que tiveram a Amazônia como cenário de suas intrigas. Contrabando, tráfico de drogas e aliciamento de menores para a prostituição constituem o rol de crimes que se desvenda aos olhos do leitor, sem que se perceba a possibilidade de punição e reconciliação com a ordem social.

Palavras-chave: Os éguas. Romance policial. Amazônia.

CRIMES TO THE NORTH: OS ÉGUAS NOVEL AND THE TRADITION OF THE POLICE NOVEL

ABSTRACT

The present study aims to analyze the novel *Os éguas*, by the writer from Pará Edyr Augusto (1998). It starts from the hypothesis according to which the author not only dialogues with the tradition of the police novel in its diversity, but also, by setting the narrative in the Amazon, subverts a certain representation/conception of the Amazon region, which takes it as an “only nature” space. With this in mind, it recovers the discussion about the genre in its European matrix forged in the 19th century and its unfolding with the American thriller or hard-boiled in the 20th century to then analyze the novel focusing on the three pillars that constitute the police narrative: the detective, the criminal and the crimes. The analysis demonstrates that the novel, set in the city of Belém and Salinas, maintains the focus on the investigative process and on the unraveling of the enigma, bringing to the center of the scene a diversity of crimes and criminals, in order to represent certain social dynamics until then little explored in the prose fiction copies that had the Amazon as the setting for their intrigues. Smuggling,

¹ Possui graduação em Letras/português (2009) e mestrado em Letras (2014), na área de Estudos Literários, ambos pela Universidade Federal do Pará. Atualmente é professora do Municipal de Castanhal e cursa doutorado em Letras, na área de Estudos Literários, no PPGL/UFPA. Atuando, principalmente, nos seguintes temas: literatura de crime, Amazônia e romance policial contemporâneo. E-mail: suellenb@ufpa.br.

² Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1990), mestrado em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (1998), doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e Pós-doutorado em História Cultural pela Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em História da Literatura, atuando principalmente nas seguintes áreas: História da Literatura e História Cultural. Tem interesse em prosa de ficção do século XIX: circulação e recepção, gabinetes de leitura do século XIX, best-sellers, prosa de ficção e relatos de viagem sobre a Amazônia no Oitocentos. Atualmente é professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Pará e membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. E-mail: vaugusti@ufpa.br.

drug trafficking and enticement of minors into prostitution constitute the list of crimes that is revealed to the reader, without realizing the possibility of punishment and reconciliation with the social order.

Keywords: Os éguas novel. Police novel. Amazon.

RESUME

La présente étude vise à analyser le roman *Os éguas*, de l'écrivain paraense Edyr Augusto (1998). Elle repose sur l'hypothèse que l'auteur non seulement dialogue avec la tradition du roman policier dans sa diversité, mais aussi, en situant le récit en Amazonie, subvertit une certaine représentation/conception de la région amazonienne, qui la prend comme un espace " juste nature ". Dans cette optique, il reprend la discussion sur le genre dans sa matrice européenne forgée au XIXe siècle et son déploiement avec le *thriller* ou *hard boiled* américain au XXe siècle pour ensuite analyser le roman en se concentrant sur les trois piliers qui constituent le récit policier : le détective, le criminel et les crimes. L'analyse montre que le roman, qui se déroule dans la ville de Belém et à Salinas, maintient l'accent sur le processus d'enquête et sur la résolution de l'énigme, en mettant au centre de la scène une diversité de crimes et de criminels, de manière à représenter certaines dynamiques sociales jusqu'alors peu explorées dans les copies de fiction en prose qui avaient l'Amazonie comme cadre de leurs intrigues. La contrebande, le trafic de drogue et l'incitation des mineurs à la prostitution constituent la liste des crimes qui sont dévoilés aux yeux du lecteur, sans possibilité de sanction et de réconciliation avec l'ordre social.

Mots-clés: Os éguas. Roman policier. Amazonie.

Data de submissão: 05. 08. 2021

Data de aprovação: 16. 04. 2022

INTRODUÇÃO

A Amazônia, enquanto espaço de ambientação de textos ficcionais, esteve, durante séculos, associada a um repertório de obras pertencentes a certa tradição, de acordo com a qual as representações sobre essa região remetiam a imaginários os mais diversos, todos eles associados, de alguma forma, à floresta ou, mais precisamente, ao mundo natural³. Paradisiaca ou demoníaca, a paisagem sempre esteve lá, mais ou menos onipresente.

Esse tipo de representação simbólica, que não prescinde do mundo natural e parece fazer dele protagonista das narrativas, mesmo quando se debruça sobre os habitantes da região, seus costumes e sua cultura, não se faz presente nos romances do autor paraense Edyr Augusto. Parcela de sua vasta produção literária⁴ tematiza, ao contrário, uma Amazônia urbana, caracterizada pela criminalidade e violência extrema.

³ A respeito da prosa de ficção ambientada na Amazônia Cf: FURTADO, Marli Tereza. A Amazônia em narrativas: sob o signo da terra, dentro e fora do cânone. In: **A tradição literária brasileira: entre periferia e centro**. Rio de Janeiro, editora Argos, 2013, p. 59-80. Analisando três romances da primeira metade do século XX, Furtado demonstra a permanência da natureza como elemento fundamental nas narrativas ficcionais ambientadas na região amazônica. Em *Terra Imatura* (1923) de Alfredo Ladislau, as representações da Amazônia como natureza opulenta prevalecem, ainda que a descrição dos habitantes locais e de mitos regionais estejam presentes na obra (p.66). *Terra verde* (1925), de Adauto Fernandes, também se utiliza de "imagens hiperbólicas" para construir um "cenário grandioso", em que se destaca a "pequenez do homem diante da força da natureza" (p.71). Em *Terra de ninguém* (1934), de Francisco Galvão, permanece visível o desejo de representar certa dimensão paradisiaca e demoníaca da paisagem (p.76).

⁴ A produção artística de Edyr Augusto é vasta. Abarca livros de poemas, gênero de sua estreia nos livros com a publicação de **Navios de cabeludos** (1985), crônicas, peças teatrais, contos, publicados em periódicos e no livro **Um sol para cada uma** (2008) e seis romances (**Os éguas** (1998), **Moscow** (2001), **Casa de caba** (2004), **Selva concreta** (2012), **Pssica** (2015) e **Belhell** (2020).

Nesse estudo pretende-se analisar “Os éguas” (1998), seu romance de estreia. Com relação a essa obra, o objetivo consiste em investigar como a formulação do enredo dialoga com a tradição do romance policial. Parte-se da hipótese segundo a qual o romance acaba por representar certas dinâmicas sociais até então pouco exploradas nos exemplares de prosa de ficção que tiveram a Amazônia como cenário de suas intrigas. A nosso ver, o autor executa um duplo movimento nessa obra: retoma elementos da tradição ficcional que tematiza o crime, em especial diferentes características que o romance policial assumiu ao longo dos séculos; e subverte certa representação/concepção da Amazônia muito recorrente nos textos ficcionais, que a toma como espaço “só natureza”. Ao ambientar seu romance na capital paraense, em municípios do interior do Estado do Pará e/ou em locais considerados “paradisíacos” a atenção não recai sobre a natureza exuberante, mas sim sobre o crime e a violência, que contaminam tais locais de maneira muito similar.

Para dar conta de tal proposição, o presente estudo está organizado em dois momentos: o primeiro, abordará o surgimento e a configuração do romance policial e o segundo abarcará a análise do romance “Os éguas” (1998), no que tange ao diálogo com algumas das diversas formulações que o romance policial assumiu ao longo dos séculos.

1 NOTAS SOBRE O ROMANCE POLICIAL

A circulação de informações e representações simbólicas sobre o mundo do crime é passível de ser mapeada, em termos editoriais, desde pelo menos meados do século XIV na Europa Ocidental.⁵ Impressos populares, vendidos a preços derrisórios, pertencentes aos gêneros os mais diversos, foram produzidos, colocados em circulação⁶ e consumidos por um vasto público leitor, que partilhava o interesse por conhecer como os criminosos atuavam e, desse modo, conseguir desenvolver, conforme acreditavam, estratégias de defesa contra possíveis ataques.

A natureza e “tipologia” do crime, assim como o perfil e a caracterização do criminoso nessas publicações sofrem modificações no decorrer dos séculos, uma vez que estão diretamente relacionadas ao contexto sócio-histórico e cultural em que surgem. Ainda que as transformações sociais modifiquem a caracterização do crime e do criminoso, bem como o gênero de publicações que tratam deles, o interesse pelo mundo do crime permanece intenso no decorrer dos séculos.

O surgimento do romance policial, no século XIX, é um marco no repertório da prosa de ficção que havia se voltado, até então, para o universo do crime. Seu aparecimento esteve associado à intensificação dos processos de urbanização pelos quais passaram as cidades européias desde o século anterior, quando se dá, na Europa Ocidental, o advento da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Esses eventos, associados a questões de natureza climática, desencadeiam um processo crescente de migração da população campesina empobrecida para os centros urbanos, ocasionando um inchaço populacional nessas regiões.

Diferente do que ocorria nas pequenas vilas, em que todos se conheciam, nas metrópoles não será mais possível reconhecer aqueles que transitam pela cidade, os quais se tornam anônimos, constituindo o que se pode chamar de multidão, representada literariamente por inúmeros escritores do Oitocentos, como Charles Baudelaire, para ficarmos em um único e paradigmático exemplo.

⁵ Segundo Greremek (1995, p. 23), esses primeiros registros sinalizavam uma forte ligação entre a pobreza e a criminalidade. Tais textos tratavam, sobretudo, de andarilhos e pedintes que cometiam delitos como, por exemplo, furtos e roubos.

⁶ Uma parcela desses textos era baseada em registros policiais (GEREMEK, 1995, p. 42-54), sinalizando e reafirmando um diálogo entre essa literatura que aborda os meandros do crime e a documentação de natureza judicial produzida sobre eles; algo que, guardadas as devidas proporções, é recorrente nos séculos posteriores.

De outro lado, o crescimento demográfico de certas cidades é acompanhado da presença dos desvalidos nos grandes centros urbanos. Essas populações empobrecidas encontram nos pequenos delitos uma forma de subsistência, atuação facilitada pela ineficácia da polícia em combater as ações criminosas. Esse cenário, composto pelo crescimento urbano, pela pobreza e pelo fenômeno da multidão irá criar o caldo necessário para o surgimento de um gênero específico de narrativa criminal: aquela em que se acrescenta um novo personagem, o detetive. Assim, pode-se dizer que o gênero policial surge da confluência desse conjunto de fatores.

Há um certo consenso de que o conto “Os crimes da rua Morgue” (1841), de Edgar Allan Poe, seria, de certa forma, um marco inaugural do gênero. No conto, *monsieur C.* Auguste Dupin é descrito pelo narrador como um cavalheiro de origem ilustre que, tendo perdido a riqueza outrora pertencente à família, vivia então em “rigorosa economia”, dando-se apenas ao luxo de comprar livros. Não por acaso, o narrador conhece M. Dupin em uma biblioteca de Montmartre, em razão do fato de ambos lá estarem em busca de um mesmo notável e raro volume. Da comunhão de interesses pela leitura e da admiração do narrador por Dupin, resulta que ambos decidem morar juntos em uma “grotesca e maltratada” mansão localizada no Faubourg Saint-Germain.

Habitados a ler e conversar durante o dia e a flunar pelas ruas de Paris ao anoitecer, os amigos se deparam, certa feita, com a edição vespertina da *Gazette des Tribunaux*⁷, na qual se podia ler a seguinte manchete “Assassinatos bizarros”. A ação é, então, suspensa para dar lugar à leitura da narrativa criminal publicada no periódico. Dessa forma, o leitor do conto assume a posição dos personagens, acompanhando, por meio do método de encaixe, essa narrativa outra, da notícia detalhada sobre o crime ocorrido na rua Morgue. Tal técnica permite que os leitores se coloquem no lugar dos personagens, envolvendo-os na investigação do crime, tal qual Dupin o fará.

Essa presença ficcionalizada de notícias que circulam nos jornais também sinaliza para a importância dos periódicos na difusão de informações sobre o cotidiano na cidade, inclusive daquelas que diziam respeito ao universo da criminalidade. Guardadas as devidas proporções e especificidades, o *fait divers*⁸ parece ter desempenhado papel similar ao dos impressos diversos sobre o mundo do crime, como, por exemplo, os panfletos e os cordéis dos séculos anteriores, uma vez que neles também se podia encontrar relatos sobre crimes, informações a respeito da identidade dos criminosos, suas formas e locais de atuação.

A narrativa de encaixe publicada no periódico fornece detalhes sobre o assassinato violentíssimo de duas mulheres, mãe e filha. O corpo da filha, repleto de escoriações e hematomas, sobretudo no pescoço, havia sido encontrado preso, de ponta a cabeça, na chaminé da residência, sinalizando um possível estrangulamento; e o da mãe descoberto em um pátio situado aos fundos do edifício em que ocorrera o crime “com um corte tão profundo na garganta que quando tentaram levantá-la, a cabeça se desprende do tronco” (POE, 2017, p. 127). À composição desse cenário violento, vem se somar o fato de o crime ter ocorrido em um quarto hermeticamente fechado, a ponto de os vizinhos terem tido dificuldade de arrombar as portas para atender aos gritos de socorro das duas mulheres. Essa situação conduz ao enigma implicado no desvendamento do crime: como o criminoso entrara e saíra da cena do crime? A polícia, responsável pela investigação, até o momento da publicação da notícia, não conseguira solucionar o caso, razão para que outras notícias, publicadas nos dias subsequentes, fossem reproduzidas por encaixe na narrativa principal, permitindo aos leitores acompanharem os

⁷ Gazeta dos Tribunais

⁸ O termo *fait divers* consiste em uma expressão do jornalismo usada para nomear as notícias sensacionais e/ou excepcionais que tratam de acontecimentos peculiares, tais como o nascimento de animais com deformações, até crimes cuja autoria e execução são incógnitas. Segundo Roland Barthes (1964), os *fait divers* caracterizam-se por romper com as expectativas do leitor e causarem espanto (Il n'y a pas de fait divers sans étonnement).

passos da investigação oficial, os depoimentos das testemunhas e a notícia da prisão de um suspeito.

Esse crime peculiar desperta o interesse de Dupin, que formula uma hipótese de solução do enigma, em grande parte graças à leitura das notícias de jornal. É a capacidade analítica de interpretação das pistas encontradas no local do crime e da leitura dos depoimentos das testemunhas publicadas no jornal que assombra e produz a admiração do narrador, que a qualifica como algo não acessível ao homem comum.

Duas características são cruciais para compreender a formulação da narrativa policial, tal qual se entende em seus primórdios: a primeira delas está associada justamente à caracterização do detetive como indivíduo dotado de excepcional capacidade de análise. Tal capacidade, conforme esclarece o narrador no introito do conto, seria diferente da mera perspicácia, da atenção. O analista se distingue do perspicaz porque ele não apenas faz diversas observações e inferências, como também sabe o que deve e merece ser observado. Em posse dos fatos e/ou as informações, ele é aquele que, por meio da análise⁹, consegue interpretá-los. Por esse motivo, as pistas capazes de desvendar a identidade do assassino da rua Morgue, todas elas publicadas no jornal, são devidamente interpretadas apenas por Dupin, e não pelos milhares de leitores da *Gazette des Tribunaux*.¹⁰

A segunda característica da narrativa detetivesca, em grande medida associada à primeira, diz respeito ao paradigma indiciário, ou, melhor dizendo, à “capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente” (GINSBURG, 1989, p. 152). Carlo Ginsburg, historiador italiano, compreende por paradigma indiciário o “método interpretativo centrado em resíduos”, em pormenores considerados triviais ou sem importância. Esse paradigma seria válido tanto para Freud, que a partir dos resíduos acreditava ser possível acessar o inconsciente dos indivíduos, quanto para Sherlock Holmes, capaz de descobrir a identidade de um criminoso por meio de indícios imperceptíveis aos demais. Assim, pistas infinitesimais – sintomas para Freud e indícios para Holmes –, permitiriam captar uma realidade mais profunda”, o desvendamento do inconsciente, no primeiro caso, ou da autoria de um crime, no segundo caso.

Reunindo pistas e capacidade analítica para interpretá-las, Dupin desvenda a identidade do criminoso e a forma como o crime ocorreu, oferecendo ao leitor uma explicação racional para aquilo que até então era um enigma: mãe e filha haviam sido assassinadas por um orangotango que escapara de seu proprietário, um marinheiro maltês.

Nessa operação, entram em cena duas questões caras à modernidade: o culto à razão e a noção de indivíduo. O conto de Edgar Allan Poe se recusa a oferecer ao leitor uma explicação sobrenatural para o enigma, evitando “o frequente erro de confundir o insólito com o incógnito” (POE, 2017, p. 137). No conto em análise, Dupin enfatiza a necessidade de uma análise racional do local do crime, da ação do criminoso e de sua fuga: O que vamos procurar aqui em primeiro lugar? Pergunta Dupin ao narrador. “Naturalmente o meio de saída empregado pelos assassinos. Não é necessário dizer que nenhum de nós acredita em eventos sobrenaturais. Madame e Mademoiselle L’Espanay não foram destruídas por espíritos”, conclui. (POE, 2017, p. 139). Desse modo, o primado da razão põe em cheque as explicações sobrenaturais dos fenômenos, as quais caracterizavam a prosa de ficção gótica, ainda em circulação a essa época¹¹. Não menos importante, o conto articula o binômio indivíduo multidão, permitindo aos leitores – graças ao

⁹ O narrador distingue fantasia de imaginação. Para ele, a fantasia é qualidade dos seres engenhosos, enquanto que os seres com grande capacidade analítica são imaginativos. Assim, ele associa imaginação e capacidade analítica.

¹⁰ Gazeta dos Tribunais

¹¹ De acordo com Jeha (2014, p. 01), “O Gótico, seja em forma de ficção ou filme, seja o original (em termos históricos) ou as suas manifestações mais tardias, se dá geralmente num espaço confinado, onde um segredo do passado ameaça a integridade física ou psicológica das personagens. A ameaça pode assumir a forma de fantasmas ou monstros que invadem esse espaço para manifestar crimes que não podem mais ficar ocultos”.

desvendamento racional do enigma e a conseqüente revelação sobre a identificação do criminoso –, exorcizar o medo provocado pelo anonimato dos indivíduos em meio à multidão. É preciso assinalar que, não por acaso, todas as testemunhas acreditam ter ouvido o criminoso falar em uma língua estrangeira, o que somente seria possível nas grandes cidades, marcadas pela presença do estrangeiro, o outro por excelência.

Esse conto, publicado pela primeira vez em 1841 no periódico americano *Graham's Magazine*, passou a ser considerado responsável pelo estabelecimento dos pilares do gênero policial, firmando aqueles que seriam seus traços distintivos. A partir de então, o romance policial seria caracterizado não apenas pela presença do crime e do criminoso, algo comum em exemplares de prosa de ficção, mas, sobretudo, pela existência e protagonismo do detetive e pela centralidade da narrativa no processo investigativo e no desvendamento do enigma.

Esses aspectos se tornaram recorrentes em parcela das narrativas detetivescas produzida nos séculos subsequentes. Segundo Ricardo Piglia (2006, p. 76), o detetive é responsável por condensar os aspectos da investigação que surgem de modo disperso em um vasto repertório da literatura criminal e/ou de suspense que precede o romance policial. Nesse contexto, esse personagem surge como efeito da tensão entre a multidão e a cidade, representando aquele que sabe ler os signos que surgem nesse novo espaço¹², o que lhe permite identificar o homem em meio à multidão, tirando dele o aspecto incógnito.

Em suma, o tripé crime-criminoso-detetive se articula com o enredo centrado no processo investigativo, cuja finalidade última consiste no desvendamento do crime, realizado pelo detetive por meio de seu raciocínio lógico.

Esse “molde” de composição de parcela da narrativa criminal foi extremamente profícuo e esteve na base da criação de detetives famosos como Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, e Hercule Poirot, de Agatha Christie. De forma similar aos impressos populares sobre o crime e os criminosos publicados nos séculos precedentes, o romance policial se tornou um gênero muito popular, ultrapassando fronteiras nacionais graças a traduções e, ao mesmo tempo, sendo produzido por autores das mais diversas partes do mundo.

As apropriações do gênero em contextos sócio-históricos e culturais diversos daqueles em que surgira produziu uma diversidade de transformações nessa que foi considerada uma espécie de matriz do romance policial. Produzidos em contextos diferentes daqueles das capitais européias do século XIX, o romance policial se transforma, dando origem ao romance *noir*, ao *thriller* etc.

É na esteira dessas transformações que se pretende interpretar o romance *Os éguas*, do escritor paraense Edyr Augusto (1998). Tendo isto em vista, este artigo pretende analisar a obra a partir da seguinte indagação: como se dá a apropriação de elementos do gênero policial no romance de Edyr Augusto?

2 CRIMES AO NORTE

“Os éguas” (1998) é o primeiro romance publicado pelo escritor paraense Edyr Augusto. A narrativa é ambientada na cidade de Belém, capital do Pará, e na região do Salgado, com menção direta à cidade de Salinópolis, localizada no nordeste do estado do Pará, a 214,8 km da cidade de Belém. Banhada pelo oceano Atlântico, Salinópolis possui uma extensa área de praia, o que lhe confere ares paradisíacos, razão pela qual se tornou destino de veraneio de parcela da

¹² Durante o referido período, surgem diversas estratégias com vistas a identificar os indivíduos no espaço urbano. A numeração das casas foi uma dessas estratégias. Também ocorrem mudanças na polícia, voltada para a identificação e o controle daqueles que cometem delitos. Daí o surgimento do registro dos criminosos por meio das impressões digitais, o uso da fotografia como meio de identificação e a criação de arquivos policiais pautados nas fichas dos criminosos. (STORCK, 1985, p. 8)

população que habita as cidades ao seu entorno, assim como dos habitantes mais abastados da cidade de Belém.¹³

Embora a narrativa não permita situar de maneira precisa o momento histórico em que se passa a ação, o romance menciona eventos marcantes da história recente da cidade, o que permite situá-la na primeira metade da década de 1990, pois entre os eventos mencionados há o “Tabu de 33”, que se refere aos 33 jogos, entre os anos de 1993 e 1997, que o time Paysandu não venceu do Clube do Remo, times rivais da cidade de Belém.

O enredo inicia com a descoberta do corpo do cabeleireiro Johnny Lee no banheiro de seu apartamento. A ausência de sinais de arrombamento ou de furto no local torna obscura a motivação do crime, que passa a ser investigado pelo delegado Gilberto Castro, policial novo na corporação, de boa índole, mas que enfrenta problemas com o alcoolismo, o que por vezes interfere em sua atuação. O delegado conta com um auxiliar, o investigador Saldanha, conhecido como Bode.

Paralelamente a esse núcleo narrativo, outros são desenvolvidos. Há um núcleo centrado na personagem Lucilene, conhecida pelo apelido de Babalu¹⁴. Jovem da periferia de Belém, ela é enganada por Bibi, um aliciador que a convida para um desfile de moda, mas a leva para uma orgia organizada por Cristóvão Gusmão. Embora seja conhecido na cidade como empresário, este último se revela um violento e perigoso criminoso, envolvido em diversos tipos de contravenções. Gusmão se interessa por Babalu e a estupra, porém, durante o ato, Babalu ri do tamanho do pênis de Gusmão. Sentindo-se ofendido, ele a espanca de forma bárbara: “Acho que a merda foi ter rido dele. Levei um socão na costela. Fiquei ofegante. A respiração foi embora. Vai ver, quebrou a costela. Levei outro soco, na cara. O cara amarrou a camisa na mão e começou a me socar. [...] Achei que ia morrer. Estava morrendo.” (AUGUSTO, 1998, p. 61). Finalmente, a personagem falece em razão dos ferimentos. Também participam desses núcleos paralelos Sabrina Gusmão, que mantém relação extraconjugal com o popular jogador de futebol Tinho; e a alta sociedade, constituída por *bons vivants*. Os elos entre esses núcleos são estabelecidos pelo personagem Gilberto, que investiga os assassinatos; pela personagem Selminha, que pertence ao núcleo dos *bons vivants* e se envolve amorosamente com o delegado; e por Cristóvão Gusmão, criminoso envolvido em diversos crimes que movimentam a trama narrativa, de homicídios ao comando de um esquema internacional tráfico de drogas.

A investigação conduzida pelo delegado revela que uma das vítimas, Johnny Lee, ocupava um papel estratégico no esquema de tráfico de drogas¹⁵ chefiado por Gusmão. Seu assassinato se dá em virtude do fato de ele querer se desligar do grupo de criminosos. O delegado Gil, responsável por desvendar o esquema de corrupção e violência, cai em uma emboscada e é morto por Mauro, responsável pelo recebimento das mercadorias e drogas em Salinas.

Em “Os éguas” (1998), o início do enredo reitera a estrutura que consagrou o romance policial: um homicídio, cuja autoria desconhecida será desvendada por um investigador. Porém, no decorrer da intriga, nota-se que o romance não segue rigorosamente o modelo clássico e matricial do gênero, operando nele modificações que serão analisadas a seguir, com foco na análise de três categorias que o consagraram: o detetive, o criminoso e o crime.

¹³ É importante salientar que, embora a menção à Amazônia seja recorrente em textos críticos e jornalísticos sobre a obra do autor, esse romance de Edyr Augusto é ambientado no centro urbano da capital paraense e na região do salgado. Tal delimitação é fundamental para não incorrer no equívoco de compreender a Amazônia de forma homogênea.

¹⁴ Referência à personagem homônima da novela “Quatro por quatro”, interpretada por Letícia Spiler, que foi sucesso na década de 1990.

¹⁵ No decurso do enredo o esquema criminoso chefiado por Gusmão é denominado “contrabando” por Pixito, morador da Região do Salgado e como “tráfico de drogas” pelo chefe da Seccional da Cidade Nova, ao alertar Gil sobre a necessidade de ele se afastar da investigação do do homicídio de Babalu.

No que tange à personagem do detetive, representada pelo delegado Gilberto Castro, pode-se afirmar que sua caracterização pouco se aproxima daquela de Dupin, personagem paradigmática do gênero. Embora partilhe com ele a paixão pela leitura - “Pegou livros. Todos aqueles livros que ele comprava e não conseguia ler” (AUGUSTO, 1998, p. 173) -, não tem tempo para isso, pois, ao contrário de Dupin, um aristocrata que passa seus dias recluso em uma mansão, Castro vive nas ruas, numa espécie de corpo a corpo com o crime. Diferentemente de Dupin, tão somente um homem letrado, Gilberto Castro faz parte da corporação policial, pertencendo a “nova safra de delegados, com bacharelado em Direito e cursos fora do Estado” (AUGUSTO, 1998, p. 120). Longe de personificar a razão pura e a inteligência analítica que está nas origens do gênero, o delegado Castro é, portanto, um homem de ação, mais próximo dos personagens do *triller* ou do *hard-boiled* americano, cujos detetives, embora em contato frequente com os criminosos, representam a decência e a incorruptibilidade. (PIGLIA, 2006) O detetive de “Os éguas” também compartilha com o *hard-boiled* americano o fato de ser um *loser*: tem problemas de alcoolismo, que interferem em seu desempenho no trabalho, e uma vida pessoal conturbada, expressa no casamento destruído.

Os vexames na cena de crime e as brigas em locais públicos, todos decorrentes do abuso de bebidas alcoólicas, arranham sua imagem na corporação e frente à opinião pública, razão pela qual é afastado das investigações sobre o assassinato de Jhonny Lee pelo diretor da seccional, que o aconselha a não se envolver em confusões: “Chega, Gil. Chega. Não diz mais nada. Foi demais. A Graça vai bater a portaria. Te manda por uns dias. E vê se não apronta nada porque senão vai ser o teu fim, tá? Não te mete em merda nenhuma, entendeste?” (AUGUSTO, 1998, p. 169).

Tal qual Philip Marlowe, protagonista de “O longo Adeus”, de Raymond Chandler, ou o delegado Espinosa, criado pelo escritor brasileiro Alfredo Garcia-Roza, Gil é um detetive que vivencia o cotidiano da cidade, no qual está completamente imerso e não apartado, como Dupin. O desvendamento do crime, de suas razões à autoria propriamente dita, não se faz tão somente por meio da reunião de pistas/indícios e de sua interpretação graças à capacidade analítica excepcional. Esse desvendamento se faz, em verdade, graças à imersão do detetive no próprio tecido social, de forma que cabe a ele conhecer e interpretar a sociedade da qual participa, nela compreendidas as relações sociais que se estabelecem entre os suspeitos e os limites de atuação da polícia. Inserido nesse tecido social marcado pela corrupção que atinge, inclusive, a corporação policial, o desfecho punitivo está fadado ao fracasso, razão pela qual o detetive é assassinado, deixando claro ao leitor que não há qualquer possibilidade de apaziguamento do temor pela narrativa. Exemplar quanto a isso, é a ordem que o criminoso Cristóvão Gusmão dá a Mauro, após o assassinato do policial: “te acomoda, avisa a moçada pra ter calma, dá um “chem¹⁶” extra pra turma. O desaparecimento desse cara pode dar alguma confusão. Vamos ficar na nossa, quietinhos” (AUGUSTO, 1998, p. 193). A trama de crimes que rege a cidade coloca limites à atuação do delegado e o conduz à morte, impedindo-o de reestabelecer a ordem social quebrada pelo assassinato, tanto de Lee, quanto de Babalu.

No que diz respeito ao perfil dos criminosos, um leque de variedades se apresenta ao leitor. Cristóvão Gusmão inicia a vida como pequeno empresário local e, progressivamente, se envolve com o contrabando e o tráfico de drogas, que possibilitam a ele ascender socialmente e frequentar as rodas da alta sociedade:

Cristóvão era negociante. Montara uma lojinha que vendia tudo à vista. Miudezas, presentinhos. Tinha, uns fornecedores contrabandistas. Molhava a mão dos fiscais e dava tudo certo. Quando casaram [com Sabrina] já eram quatro lojas [...] Tinha o lance com cocaína e sabe lá o que mais. Era dinheiro fácil. Agora as lojas eram apenas

¹⁶ Propina.

fachada. A droga entrava ali pelas bandas de Salinas. Distribuía para a turma da alta. Mas nem por isso a deixavam frequentar. (AUGUSTO, 1998, p. 94).

Bibi, por sua vez, passa parte de sua vida no centro da cidade de Belém, região caracterizada pela violência e criminalidade cotidiana. A personagem encontra no agenciamento de menores para a prostituição uma possibilidade de subsistência e, posteriormente, de ascensão econômica e social. Paulatinamente, passa a combinar atividades ilícitas com atividades lícitas, que o ajudam a encobrir sua atuação criminosa: “Agenciava os meninos e meninas. Apresentava desfiles em clubes populares. Ensaiaava debutantes. Era estilista de escola de samba e blocos. Agora, não tinha mais namorado. Era um empresário.” (AUGUSTO, 1998, p. 129).

Por fim, no que concerne ao crime, dois aspectos podem ser salientados: os tipos e o modo de construção do enigma ao entorno deles. No que tange à construção do enigma, é formulado de duas maneiras quando associado aos homicídios centrais do romance, quais sejam, o assassinato misterioso de Lee e a morte de Babalu em decorrência do espancamento¹⁷. Os dois crimes são investigados pelos personagens Gil e Bode, mas o enigma não recai sobre o mesmo aspecto. O assassinato de Lee remonta à configuração clássica do romance policial, com a centralidade no desvendamento do enigma expresso na indagação “quem é o assassino?”, o que direciona a formulação do enredo para o processo investigativo com o objetivo de descobrir quem matou, como agiu e o que motivou o crime. Nesse modo de composição, detetive e leitor partilham das mesmas informações e desvendam o crime ao mesmo tempo. O assassinato de Babalu segue outro viés. Desde o início do processo investigativo a identidade do criminoso é revelada ao leitor: sabe-se que sua morte se deu em decorrência do espancamento cometido por Cristóvão Gusmão. Desse modo, para o leitor, o suspense recai sobre o processo investigativo realizado por Gil, de forma que a apreensão reside em saber se a autoria do crime será descoberta pelo delegado e se a punição do criminoso ocorrerá. Desse modo, embora a investigação conduza o enredo, para o leitor o suspense se configura de formas distintas nos dois casos de homicídio: não se sabe quem é o assassino no caso de Lee e não se sabe se haverá punição no caso de Babalu.

No que tange aos tipos de crime, ao contrário do que ocorre no gênero policial clássico, em que habitualmente um único crime e seu desvendamento ocupa o centro da trama, no romance “Os éguas” (1998) os crimes não apenas são variados quanto a sua natureza – tráfico de drogas, contrabando, agenciamento de jovens para a prostituição, pedofilia –, como são cometidos por contraventores que, muito embora tenham perfis os mais diversos e pertençam a diferentes classes sociais, mantêm estreita interrelação. Novamente o romance de Edyr Augusto se aproxima dos *thrillers* americanos, nos quais “o detetive não decifra apenas os mistérios da trama, mas encontra e desvenda, a cada passo a determinação das relações sociais” (PIGLIA, 2006, p. 92). O emaranhado de crimes e criminosos no romance de Edyr Augusto expõe o modo como a sociedade, que se dá a ler na narrativa, relaciona-se com a criminalidade e como esta última a atravessa e a caracteriza. Nesse sentido, pode-se também indagar em que medida o romance policial, cuja origem está ancorada em determinados contextos sócio-culturais, dá a ler a própria sociedade na qual ele emerge.

As representações simbólicas da cidade como espaço social onde medra a corrupção, o crime e as relações obscuras de poder são recorrentes em parcela significativa dos exemplares de prosa de ficção que tematiza a criminalidade sob o viés do romance policial, seja no Brasil, seja em países de outros continentes. Contudo, essa temática, vazada nos moldes literários do romance policial, foi, por muito tempo, pouco explorada no contexto amazônico. Nos raros exemplares de romances policiais em que a narrativa é ambientada na Amazônia, caso do romance *O opositor*, de Luis Fernando Veríssimo, o enredo é construído a partir da perspectiva

¹⁷ Embora o romance seja repleto de crimes, optou-se por analisar os dois homicídios que movimentam a trama.

do exotismo, no sentido pleno e literal da palavra. Assim, o autor situa a intriga em uma cidade afastada dos grandes centros urbanos, quente e repleta de insetos, agenciando todo um imaginário permeado por lendas e por uma gastronomia exótica.

Esse não é o caso, definitivamente, dos romances de Edyr Augusto (1998), que abandona qualquer perspectiva de exotismo, trazendo o gênero policial para o coração do espaço urbano da Amazônia. Em seus romances, regiões consideradas paradisíacas e exóticas para os brasileiros e estrangeiros não são representadas simbolicamente dessa forma. São mais um local em que os tentáculos do crime alcançam, distantes das representações edênicas da Amazônia ou mesmo infernais em virtude do caráter supostamente inóspito da floresta, entendida como uma espécie de “inferno verde”. Em “Os éguas” o leitor se aproxima da cidade e de suas mais diversas faces, uma das quais atravessada pela criminalidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “Os éguas” (1998) vê-se emergir o mundo do crime no contexto urbano da cidade de Belém e o modo como ele se espalha até a cidade de Salinas, localizada na região do Salgado paraense. Edyr Augusto (1998) combina, na construção de seu romance, diversos elementos e estratégias composicionais que caracterizaram as muitas formas que o gênero policial assumiu ao longo dos séculos. A apropriação dessa “tradição” pôde ser observada, no decurso desse estudo, a partir da análise dos três elementos que compõem o tripé do romance policial clássico: o crime, o criminoso e o detetive. A análise demonstrou que, embora a solução do enigma - quem é o assassino e por que cometeu o crime - se mantenha parcialmente, o romance de Augusto se distancia dos exemplares clássicos do gênero e se aproxima do *thriller* e do *hard-boiled*, sobretudo no que diz respeito à caracterização do detetive. No romance de Edyr Augusto o policial é um *loser*, a corrupção e os crimes são os mais diversos e estão espalhados por todo o tecido social, envolvendo pessoas de todas as classes sociais. O desfecho da intriga impede qualquer possibilidade de reconciliação do leitor com a ordem, o que se expressa na morte da figura chave do romance policial, o detetive, e na certeza da impunidade.

A análise do romance “Os éguas” permite notar a relação do romance policial com as dinâmicas sociais características do local em que a narrativa é ambientada, ou seja, não se trata tão somente de vazar a obra em conformidade com um “molde” de elaboração de romances que tematizam a criminalidade. Trazer o crime para o centro do enredo significa pensar nos diversos fatores que colaboram para que ele ocorra, nos elementos que interferem na investigação e, sobretudo, no modo como o crime atravessa as relações sociais.

Nesse processo, o romance “Os éguas” implode as representações mais habituais sobre a Amazônia, que historicamente oscilaram entre as concepções edênicas ou infernais, estas últimas associadas à floresta. Não é possível, no romance de Edyr Augusto, imaginar uma Amazônia só natureza. Se existe uma paisagem, esta é urbana, e se existe uma paisagem não urbana que poderia ser edênica, esta se revela, ao fim e ao cabo, contaminada pelas mesmas redes de corrupção e violência.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Edyr. **Os éguas**. São Paulo: Boitempo, 1998.

BARTHES, Roland. Structure du fait divers. In: **Essais Critiques**. Paris: Seuil, 1964.

FURTADO, Marli Tereza. A Amazônia em narrativas: sob o signo da terra, dentro e fora do cânone. In: **A tradição literária brasileira: entre periferia e centro**. Rio de Janeiro, editora Argos, p. 59-80, 2013.

GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim**: vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400-1700. Trad. Henryk Siewierki. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JEHA, Julio Cesar. As ligações criminais do Gótico. **SOLETRAS**, N. 27 (jan.-jun. 2014).

PIGLIA, Ricardo. Leitores imaginários. *In*: _____. **O último leitor**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das letras, p. 74-97, 2006.

POE, Edgar Allan. **Edgar Allan Poe**: medo clássico. Márcia Heloisa Gonçalves. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.

STORCK, Robert. O policiamento do cotidiano na cidade Vitoriana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, nº 8/9, p. 7-33, abr. 1985.